

O DESENHO INFANTIL COMO FORMA DE EXPRESSÃO DA CRIANÇA E FERRAMENTA DE APOIO AO PROFESSOR

Georgianne Rocha Rodrigues¹
Thaís Helena Alencar²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar alguns pontos de investigação sobre o desenho infantil, considerando principalmente o seu uso como ferramenta de apoio ao professor. O trabalho encontra-se dividido inicialmente por reflexões com base nas leituras teóricas sobre a arte e o desenvolvimento da criança, seguido por informações coletadas através de um estudo de caso e análise da importância do desenho como forma de expressão. A metodologia utilizada no trabalho foi a abordagem qualitativa e como modalidade o estudo de caso. Como resultados, foi possível observar a presença do grafismo e suas interpretações no trabalho pedagógico. Concluindo assim, que é possível existir um diálogo através do desenho infantil, pois os materiais produzidos podem ser usados como forma de expressão da criança, além de fornecer novas informações e abrir canais de comunicação.

Palavras-chave: Desenho infantil, Reflexões, Desenvolvimento da Criança, Forma de expressão.

INTRODUÇÃO

De acordo com Osiski (2001), o homem pré-histórico quando representava os animais que se alimentava em desenhos o seu grupo não fazia distinção entre a imagem desenhada e a presença do animal. Por esse motivo esse homem era considerado um artista, mas também um curandeiro, sacerdote e mágico, pois teria o poder de materializar os animais. Dessa forma, é possível perceber a presença da arte como meio de comunicação e expressão nos primeiros registros históricos.

As linguagens artísticas continuam como forma de expressão em meio aos espaços culturais e institucionais. No entanto, sabemos que nos ambientes escolares existem horários regradados e pouca discussão sobre sua importância na formação dos estudantes. A respeito

¹ Professora Alfabetizadora do 1º e 2º ano do ensino fundamental I na Prefeitura de Maracanaú, Pedagoga pela Universidade Federal do Ceará com Especialização em Psicopedagogia Clínica, Institucional e Hospitalar pela Faculdade do Vale do Jaguaribe. E-mail: georgiannerocha@gmail.com;

² Orientadora. Professora Mestre vinculada a Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ. E-mail: thatylena@yahoo.com.br.

dessa situação Porcher (1982), diz que a presença do ensino de arte não possui o objetivo de formar artistas, mas de promover benefícios para a construção da personalidade da criança.

A educação artística propõe-se a criar nos indivíduos não tanto aptidões artísticas específicas, mas sobretudo um desenvolvimento global da personalidade, através de formas as mais diversificadas e complementares possíveis de atividade expressivas, criativas e sensibilizadoras (PORCHER, 1982, p.25).

Dessa forma, a proposta desse artigo é mostrar a importância do desenho no desenvolvimento da criança, seu uso como ferramenta de apoio aos educadores e forma de expressão dos educandos. Mesmo sabendo das dificuldades e preconceitos, que o ensino artístico e o desenho infantil enfrentam em nossa sociedade, o presente trabalho tem como objetivo geral pesquisar uma maneira reflexiva de mostrar os benefícios, que o desenho pode promover aos professores e alunos.

Os objetivos específicos buscam explorar o processo do desenho no desenvolvimento infantil. Dessa forma, relatando as etapas do grafismo através dos teóricos Osiski (2001) e Méredieu (2006). Já sobre a importância da arte e do desenho ficam presentes as contribuições da pioneira em arte-educação Ana Mae Barbosa (2010), Porcher (1982), e Duarte Jr. (1991). Para relacionar todas essas informações com o trabalho dos professores e o uso do desenho como ferramenta de apoio, encontram-se os teóricos Arfouilloux (1997), Bastos (2015), Petroni (2016) e Weiss (1994).

Para entender e relatar melhor como o desenho pode ser utilizado pelos professores foi realizado um estudo de caso. A pesquisa foi desenvolvida com um menino de 8 anos, que cursava o 3º do ensino fundamental I em uma escola da rede municipal de Maracanaú. Durante o estudo de caso foram realizadas provas e atividades diversas. Algumas dessas atividades contemplavam o uso do desenho, os quais são os objetos de observações e reflexões desse trabalho.

Durante o estudo de caso foi possível observar o interesse da criança pelas atividades que envolviam a produção do desenho como também pelos materiais utilizados (lápis de cor, giz de cera, apontador, canetinhas e papel A4). Em determinados momentos a criança em análise expressou seus sentimentos através de suas representações gráficas. Dessa forma, foi possível observar que além dos benefícios do desenho para o desenvolvimento infantil, há também uma possibilidade de comunicação entre o educador e o educando através do material gráfico produzido pelas próprias crianças.

METODOLOGIA

A pesquisa será de cunho qualitativo, pois busca compreender a realidade através dos olhares das pessoas envolvidas e das observações obtidas. Sobre a pesquisa qualitativa Minayo (2012) afirma que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humano é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2012, p. 21).

Assim, através do estudo de caso foi possível realizar uma breve análise sobre a presença do desenho no espaço escolar. As atividades de observação foram realizadas com um menino chamado João³. Durante o estudo de caso, em 2017, o mesmo tinha 8 anos de idade e cursava o 3º ano do Ensino Fundamental em uma escola da rede municipal de Maracanaú.

Os professores relataram que o aluno apresentava dificuldades no processo de leitura e escrita, pois João não conseguia acompanhar a turma no desenvolvimento e realização das atividades. A criança fazia a cópia das atividades, mas não seguia os comandos e pouco interagiu em sala.

A primeira etapa das observações foi a entrevista com a família com o objetivo de conhecer a história de vida da criança. Através desse momento foi possível perceber que João possuía diversos fatos marcantes no seu contexto familiar. O representante da família que respondeu as questões da entrevista foi a avó paterna do João. A qual o criava e era responsável por levá-lo a escola já que o pai estava no horário de trabalho.

No decorrer do estudo de caso, foram realizadas entrevistas e aplicação de atividades de reconhecimento de letras, escrita do nome, ordem alfabética, quantificação, sequência cronológica, contação de história, exploração da noção espacial e grafismo. João demonstrou que gostava de pintar e desenhar. Dessa forma, ficou mais fácil obter o objeto de estudo desse

³ O nome da criança é fictício para preservação de sua identidade.

artigo já que algumas atividades faziam uso de elementos gráficos e outras possuíam o foco maior no desenho. Assim, foi possível observar algumas expressões de João através dos seus traços e repostas ao que era questionado.

DESENVOLVIMENTO

Desde pequenas as crianças possuem necessidades de expressar o que sentem em relação ao mundo e através da arte essa expressão pode ser compreendida e melhor valorizada. Segundo Duarte Jr (1991), a arte transforma os sentimentos em formas expressivas, as quais despertam o indivíduo para o próprio processo de sentir. Assim, a arte possui papel importante na formação da criança e no seu modo de comunicar-se com tudo ao seu redor. De acordo com Barbosa (2010), durante a formação dos estudantes a arte deve estar presente tanto nos processos de alfabetização das crianças como também no desenvolvimento emocional e descobrimento da subjetividade dos adolescentes. Portanto, a arte é uma parte importante da educação das crianças, assim, como afirma Barbosa (2010):

Não é possível uma educação intelectual, formal ou informal, de elite ou popular, sem arte, porque é impossível o desenvolvimento integral da inteligência sem o desenvolvimento do pensamento divergente, do pensamento visual e do conhecimento presentacional que caracterizam a arte (BARBOSA , 2010, p. 42).

A arte em contato com a criança favorece o seu desenvolvimento expressivo, a construção de sua poética pessoal e a ampliação da sua criatividade, além, dos valores oferecidos para construção do seu olhar crítico a respeito do mundo em que vive. Porcher (1982), afirma ainda que a arte tem função estimulante e que pode ajudar no desenvolvimento de crianças com necessidades especiais:

O papel da arteterapia, e mais particularmente da musicoterapia, consiste justamente em utilizar metodicamente essa função estimulante da atividade artística para ajudar as crianças (ou mesmo certos adultos) deficientes, retardadas, inadaptadas (no plano motor, intelectual ou de caráter) a conquistarem um melhor domínio corporal e intelectual, um melhor equilíbrio psicológico, uma capacidade de expressão e comunicação mais satisfatória, uma integração mais dinâmica, uma relação mais enriquecedora com os outros, uma assimilação mais pessoal e mais flexível das significações constitutivas do meio ambiente. (PORCHER, 1982, p.25).

Para entender o grafismo infantil e usá-lo da melhor forma nos atendimentos psicopedagógicos é necessário compreender o desenho e sua evolução. De acordo com Ferreira (2008), o desenho possui diferentes etapas e varia de criança para criança pois depende do seu desenvolvimento. Em sua obra, Méredieu (2006, p. 20 apud Luquet 1927) aponta, após a fase do rabisco, quatro estágios na evolução do desenho infantil: realismo fortuito, realismo fracassado, realismo intelectual e por último o realismo visual.

Assim, entender essas etapas e a importância do desenho mostra o quanto essa atividade pode contribuir como apoio aos professores. Pois conforme Arfouilloux (1997), os desenhos funcionam como janelas, onde é possível observar as percepções do mundo através do olhar das crianças. E o desenho ainda possui a vantagem de permanecer fixo para observação e análise:

Há poucas atividades infantis tão diversamente descritas, tão contraditoriamente interpretadas e de modo tantas vezes redutor quanto o desenho [...] Ainda mais do que o brinquedo, o desenho da criança fascina. Porque a criança desmancha o seu brinquedo quando o adulto chega, mas o desenho permanece, como as coisas escritas. Ele é um traço, um testemunho. (ARFOUILLLOUX, 1997, p.128).

Há outros meios de comunicação, mas o desenho torna-se mais prático e durável. Pois o desenho possui função narrativa de suas imagens além da própria representação. Assim, sabendo da importância da arte e a expressividade presente nos desenhos infantis é possível entender o potencial que esse recurso oferece nas reflexões e observações dos professores. Em sala de aula cada paciente é diferente, muitos possuem facilidade para estabelecer uma conversa com os seus professores outros não. Dessa forma, torna-se necessário buscar outras estratégias e ferramentas que possam auxiliar nessa relação aluno e professor.

A possibilidade de utilizar o desenho como forma de expressão já é uma prática de atendimentos psicopedagógicos e pedagógicos. Pois não só em sala de aula, mas em outros espaços a utilização de produções gráficas oferece outra forma de expressividade. Sobre o uso do grafismo Weiss (1994), afirma que essa técnica é a mais vantajosa, pois além de fácil, utiliza poucos materiais e é bem aceita pelas crianças. Logo, o uso do desenho em diferentes ambientes é proveitoso já que a maioria das crianças gosta dessa atividade e através da mesma podem expressar o que pensam.

O uso do desenho em psicopedagogia aproveita uma forma de a criança expressar-se espontaneamente, satisfazendo a seus desejos de atividade lúdica. Uso com mais frequência o desenho livre, espontâneo, feito com qualquer material. Após a completa realização é o que pergunto o que fez, peço esclarecimentos ou, às vezes,

uso a técnica do desenho-história pedindo que invente histórias sobre seus próprios desenhos. Essa técnica dupla: gráfica e verbal é muito rica. (WEISS, 1994, p.46).

Além, do desenho final Weiss (1994) afirma que também é possível observar as ações do processo as quais as crianças executam durante a produção: postura corporal, motricidade fina, espaço, ritmo, formação do desenho, etc. Isso poderá oferecer aos professores mais informações e observações sobre o seu aluno. Para compreender os desenhos produzidos o é preciso saber analisar os aspectos e discursos gráficos, como também observar os significados simbólicos presentes. No entanto, como afirma Weiss (1994), não existem regras fechadas para a análise dos desenhos:

Os símbolos expressos, consciente ou inconscientemente, apenas terão significado na história pessoal do paciente, de sua família nuclear e de seus ancestrais. Por essa razão, não se pode interpretar desenhos dentro de regras rígidas, preestabelecidas ou tabeladas. As sugestões dos diferentes autores servem como pistas para o terapeuta fazer o estudo da sua totalidade do paciente. (WEISS, 1994, p.47).

Assim, para ajudar nas observações e interpretações dos desenhos existem estudos e autores que pesquisaram e desenvolveram a evolução do desenho infantil. No livro *Desenho e Construção de Conhecimento na Criança*, Pillar (1991), cita os nomes de alguns autores que fizeram essa pesquisa, como o caso de Luquet, Piaget, Gardner, Freeman, entre outros. De acordo com Pillar (1991), a maioria desses autores possuem trabalhos que analisam o desenho da criança e constataram que além dos aspectos culturais que diferenciam o desenvolvimento, também existem pontos “universais”, que estão presentes em todas as produções das crianças. Portanto, o grafismo infantil é o resultado natural e expressivo do desenvolvimento da criança.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises aqui feitas sobre o estudo de caso serão referentes às atividades de grafismo e pintura a qual foram produções da criança que participou do estudo de caso. Assim, a primeira atividade feita durante o estágio foi a narração de uma história com ordem cronológica. A contação foi realizada utilizando o livro da história do Patinho Feio.

Durante a narrativa João demonstrou atenção e interesse. No final algumas perguntas a respeito do enredo e personagens foram realizadas. Utilizando figuras da história foi solicitado que João organizasse as imagens em ordem cronológica. Para finalizar foi pedido

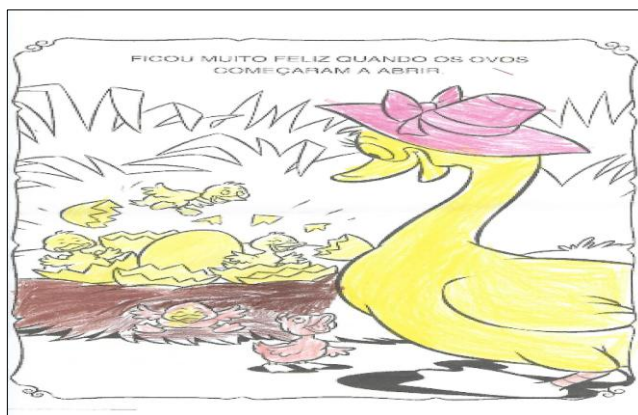
(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

que João desenhasse a parte que mais gostou da história, mas o mesmo logo disse que não sabia desenhar e recusou realizar a tarefa. Perante essa situação iniciou-se um diálogo sobre qual parte ele havia gostado e no final um desenho (foto 1) da história lhe foi entregue.

Foto 1 – Desenho da história “Patinho feio”



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

A utilização de desenhos prontos pode diminuir a percepção dos valores presentes no desenvolvimento da criança. Porque ao contrário dessa situação, um desenho produzido pela própria criança terá mais significados pois são os olhares que a mesma tem com relação ao mundo. Sobre isso Bessa (1969), afirma que:

Quanto à criação, o importante é o processo que permitiu à criança realizá-la. Nessa interferem e se desenvolvem a percepção, a imaginação, a observação, o raciocínio, o controle, gestual – capacidades psíquicas que influem na aprendizagem. No processo de criação a criança pesquisa a própria emoção liberta-se da tensão, ajusta-se; observa o mundo que a rodeia, desenvolve percepções e imaginação, adapta-se; organiza pensamentos, sentimentos, sensações e forma hábitos de trabalho, educa-se (BESSA, 1969, p.11).

Sabendo disso, o intuito de usar o desenho pronto nesse primeiro momento foi ganhar a confiança do João e observar sua motricidade fina e seleção de materiais para realização da atividade. Assim, João coloriu o desenho que lhe foi entregue usando poucas cores, não diferenciando detalhes e deixando partes em branco.

Em outro dia o objetivo principal da atividade era utilizar o autorretrato como fonte de observação. Buscando visualizar e entender como João se reconhecia e como se representava, como também trabalhar as partes do corpo humano. Dessa forma, foi solicitado que João fizesse um desenho de si próprio (foto 2).

Foto 2 – Autorretrato



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Para realização dessa atividade foi entregue uma folha A4 branca. João fez seu autorretrato na parte superior deixando a maior parte da folha em branco. Para produção utilizou formas geométricas grandes e para colorir foram utilizadas diversas cores, escolhidas aleatoriamente de acordo com a preferência da criança. Foi possível observar também, que dentro do corpo desenhado, havia a presença de formas triangulares e na imagem João estava sorrindo.

Com o resultado dessa atividade é importante observar e analisar o esquema corporal produzido pela criança. Apesar da evolução do desenho e a produção da figura humana poder variar de uma criança para outra, ainda assim, é possível entender sua percepção motora. Sobre o autorretrato produzido pelo João, Arfouilloux (1997), afirma que:

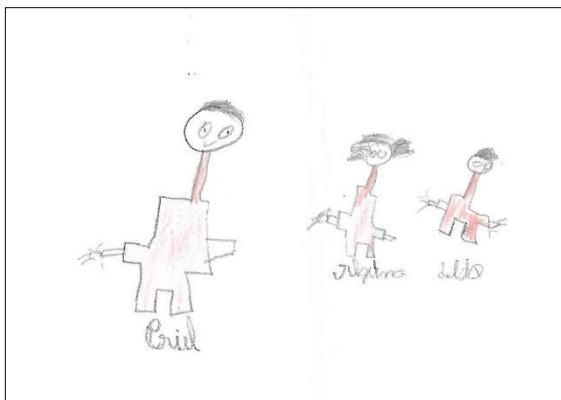
As primeiras tentativas de figuração humana correspondem ao final do período das garatujas. As formas arredondadas tendem cada vez mais a fechar-se, a cercar uma superfície. A criança desenha formas geométricas mais ou menos regulares: triângulos, paralelogramos e sobretudo círculos, através dos quais ela procura dar forma à cabeça, que representa de modo sincrético o conjunto da silhueta humana. (ARFOUILLOUX, 1997, p.134)

Dessa forma, o autorretrato da criança mostra-se dentro de uma etapa da evolução do desenho e com registro de uma boa percepção motora, pois lá estão representadas as partes do corpo sem nenhum espaçamento ou ausência.

De acordo com a conversa inicial com o membro da família, os pais de João estão separados há anos e quem possui a guarda da criança é o pai. Assim, João mora com o pai e a avó paterna. Quando perguntado sobre sua família o menino pareceu ficar tímido e pouco

falou. Para entender melhor como João reconhece sua família foi solicitado um desenho (foto 3).

Foto 3 – Desenho da família



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Dessa vez João utilizou o centro da folha para desenhar: ele, a vó e o pai. Foi observado a presença de uma ordem decrescente onde o maior desenho é da criança e o menor o pai. João usou apenas o lápis laranja para colorir as três pessoas. No entanto, os desenhos não estão completamente pintados existindo algumas partes em branco.

Os esquemas corporais foram representados praticamente da mesma forma, fazendo bastante uso de quadrados e retângulos. Os olhos foram desenhados de forma arregalados e no desenho do pai e da avó não existe a presença da boca. Ao retratar seu corpo, falta uma das mãos e em todos os casos há ausência dos pés.

Primeiramente, para olhar todas as representações é necessário entender que o desenho de cada criança está sujeito as várias interpretações. No entanto, é preciso compreender também que o desenho pode ser a expressão dos conflitos vividos em diferentes aspectos pela criança. Assim, como afirma Arfouilloux (1997):

São conflitos que resultam das exigências de adaptação ao meio familiar ou escolar, mas também conflitos intrapsíquicos que não deixam nunca de aparecer durante a evolução afetiva da criança e estruturam a organização mental de qualquer sujeito. [...] As tensões que ela sente, em suas relações escolares ou familiares, exprimem-se muitas vezes de modo bastante claro através do desenho da criança. (ARFOUILLOUX, 1997, p.142)

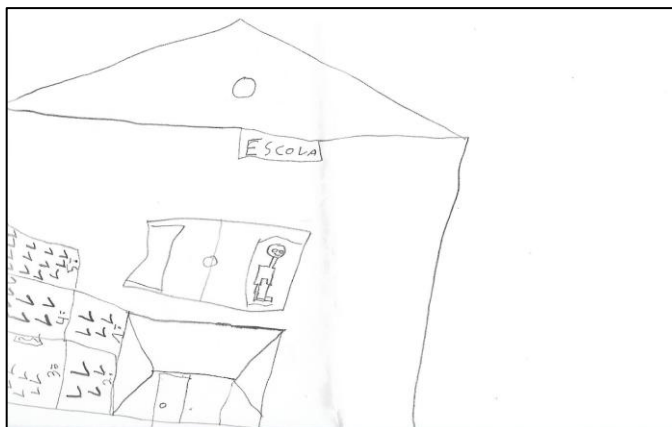
Dessa forma, a representação da família de João apresenta diversos aspectos que despertam atenção e podem estar relacionados aos conflitos existentes na sua formação e

ambiente familiar. E como afirma Méredieu (2006), é preciso ter cuidado ao observar os detalhes que compõem o desenho da família:

A composição da família, a ordem de aparecimento dos personagens, a estatura destes, os comentários que acompanham seu aparecimento, tudo será cuidadosamente observado no decorrer da execução; em geral o personagem mais importante é desenhado primeiro, seu tamanho é consequência disso – mas é preciso desconfiar destes dados gerais, pois o contexto clínico pode muito bem lançar por terra esta constatação; a ausência de um personagem, irmão ou irmã que a criança gostaria de excluir da família, revela-se na maioria das vezes como sinal mais pertinente. [...] Portanto, este teste só tem sentido quando recolocado no percurso do exame clínico. (MÉREDIEU, 2006, p.72)

Na última atividade foi solicitado o desenho da escola (foto 4). João representou sua escola com poucos detalhes e apesar da disponibilização de lápis de cor o mesmo não coloriu. É possível perceber alguns detalhes como o portão de entrada, o teto, o pátio com marcação de campo de futebol, a divisão das salas de aula e as carteiras. Certamente um lugar marcante já que a criança passa metade do seu dia, porém seu autorretrato está representado sozinho em um espaço delimitado.

Foto – Desenho da escola



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades aqui realizadas nos colocam diante das questões levantadas inicialmente sobre o uso e a importância do desenho. Desenhar é uma atividade prazerosa e fácil de ser realizada, que pode ser considerada passatempo, mas é necessário que o professor, outros profissionais, e até a sociedade compreenda os seus significados, tanto para o desenvolvimento do sujeito como também para o meio de pesquisa.

Perante os desenhos produzidos durante o estudo de caso foi possível observar que o desenho funcionou como um aproximador das partes, observado e observador. Como também possibilitou a expressão da criança. Já que certos sentimentos e comentários a respeito da sua família inicialmente não foram verbalizados, mas sim desenhados e depois comentados aos poucos.

Dessa forma, é possível perceber como o desenho pode ajudar na relação e expressão das crianças em sala de aula. Assim, reafirmando o que diversos teóricos defendem, o desenho infantil possibilita a expressão da criança. E já que a arte se encontra presente em diversos meios e instituições, é preciso compreender sua importância na formação da criança e perceber como podemos usá-la como recurso de apoio. Portanto, os professores tendo conhecimento dos benefícios que a arte proporciona, pode fazer uso do desenho no seu trabalho em sala de aula. Para isso é necessário entender, além da evolução do grafismo, que a criança desenha por instinto natural e isso tornar sua obra comunicável e feita por prazer. Assim como afirma, Arfouilloux (1997):

Para quem a criança desenha? Primeiro para si próprio, como quando brinca. Mas seu desenho dirige-se sempre a alguém real ou imaginário, quase sempre sua mãe, seu pai ou algum dos que a cercam. É um dom, saído de suas próprias mãos e de que ela espera alguma coisa em troca [...] (ARFOUILLOUX, 1997, p.129)

Assim, depois de conhecer os benefícios dessa prática é hora de saber colocá-la em prática. No caso desse artigo, o ambiente de realização de trabalho é na sala de aula. Um local onde é possível proporcionar momentos o qual o desenho esteja presente como ferramenta de apoio aos professores e como apresentado, usá-lo como aproximação e expressão. Deste modo, compreender melhor o grafismo infantil e pensar como possibilitar e utilizar mais os desenhos no ambiente escolar pode ser uma nova tarefa a qual possamos continuar estudando. Em busca de melhores meios e resultados para o trabalho dos educadores e melhor desenvolvimento para os seus educandos.

REFERÊNCIAS

- ARFOUILLOUX, Jean Claude. **A entrevista com a criança: a abordagem da criança através do diálogo, do brinquedo e do desenho.** 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1997.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte.** São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BESSA, Mahylda. **Artes plásticas entre as crianças.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1969.

BASTOS, Alice Beatriz Barretto Izique. **Psicopedagogia clínica e institucional:** diagnóstico e intervenção. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **Por que arte-educação?** Campinas: Papirus, 1991.

FERREIR, Aurora. **A criança e a arte:** o dia-a-dia na sala de aula. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

LOWENFELD, Viktor. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MÈREDIEU, Florence de. **O desenho infantil.** 11 ed. Trad. Sandra Álvaro Lorencini, São Paulo: Cultrix, 2006.

MINAYO, M. C. S. (Org.); DESLANDES, S.F.; CRUZ NETO, O. GOMES, R. **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

OSINSKI, D. **Arte, história e ensino:** uma trajetória. São Paulo: Cortez, 2001. (Col. Questões da nossa época).

PILLAR, Analice Dutra Pillar. **Desenho e construção de conhecimento na criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PORCHER, Louis. **Educação artística:** luxo ou necessidade? Trad. YanMichalski. São Paulo: Summus, 1982.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan de; PETRONI, Ana Paula; ANDRADA, Paula Costa de. **A psicologia da arte e a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem:** intervenções em contextos educativos diversos. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

WEISS, Maria Lucia Lemme. **Psicopedagogia clínica:** uma visão diagnóstica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994